



O Lugar da Tropicália no Mundo – Uma Entrevista com Christopher Dunn

Autor: Marlon MACIEL
Orientador: Lunde BRAGHINI
Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

Processo de produção de uma entrevista com o historiador americano Christopher Dunn sobre as relações estabelecidas entre o movimento tropicalista (1967-1968) e o cenário mundial, desde seu surgimento até a recente influência internacional exercida a partir de meados dos anos 1990. O memorial descreve como as audições das músicas tropicalistas e as leituras iniciadas a partir de um artigo de Dunn para uma revista brasileira despertaram atenção para explorar em entrevista o olhar lançado pelo estudioso estrangeiro sobre o movimento brasileiro. Além de apresentar o referencial teórico utilizado para a preparação das perguntas, aplicação das questões e edição final do texto, este trabalho também relata como surgiram as ideias sobre a escolha do entrevistado, a abordagem do tema, seu desenvolvimento e conclusão em entrevista.

PALAVRAS-CHAVE: entrevista; tropicália; repercussão.

INTRODUÇÃO

Com o LP “Tropicália Ou Panis et Circensis” entre as mãos e sobre um dos joelhos, Caetano Veloso, cabelos grisalhos, expressão séria, sentado entre pedras no jardim do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, volta a mostrar ao mundo o manifesto lançado em 1968. Sob a chamada “A tropicália é agora”, a foto de um dos principais líderes do movimento tropicalista ilustra a capa da revista *Bravo!* de agosto de 2007 que caiu nas minhas mãos naquele mesmo mês. A matéria principal destacava uma exposição sobre o movimento tropicalista (1967-1968) no MAM e sua influência perene entre artistas do mundo inteiro. No final da matéria “Tropicália, o movimento que não terminou”, o artigo “Gringos amantes do Brasil”, escrito pelo historiador americano Christopher Dunn, traçava um panorama sobre “como a tropicália ganhou o mundo”.

Até então, nunca tinha tido a dimensão do impacto causado pelo ato vanguardista chamado tropicália e nem um contato tão forte com o conteúdo do movimento. A partir daí, comecei a ouvir o disco manifesto, procurar a discografia produzida pelos tropicalistas desde o final da década de 1960 e material escrito sobre o tema. Passei a escutar com atenção toda a obra que se relacionasse ao movimento,



sobretudo os discos de Gal Costa, que com seus vocais, às vezes sussurrados em tom de bossa nova e às vezes gritados *à la* Janis Joplin, diziam o que procurava ouvir.

“Não quero mais essas tardes mornais, normais / Não quero mais *video tapes*, mormaço, março, abril / Eu quero pulgas mil na geral / Eu quero a geral / Eu quero ouvir gargalhada geral / Quero um lugar pra mim, pra você / Na matinê do cinema Olympia (...)”, canta Gal, entre acordes de guitarra, a letra que Caetano Veloso fez para a música “Cinema Olympia”, do psicodélico LP “Gal Costa” (1969). As letras, as ilustrações dos discos, os conceitos, os arranjos do maestro Rogério Duprat — tudo me impressionava e ia causando pequenas revoluções internas. A cada disco me surpreendia mais com a ousadia e a criatividade dos trabalhos. Descobria um tipo de música brasileira que não fazia ideia de que havia sido produzida em terras brasileiras, sobretudo sob condições de repressão e censura.

2 OBJETIVO

As audições das músicas tropicalistas – muitas com referências a personagens da cultura de massa, como os atores de *westerns* americanos Tom Mix e Buck Jones – e as leituras iniciadas a partir do artigo de Dunn foram essenciais para que a ótica estrangeira sobre o movimento brasileiro fosse colocada em foco. Nascia a ideia para o projeto: explorar a maneira como o historiador, o público e a crítica estrangeira enxergavam, interpretavam e entendiam a tropicália — até então “desconhecida fora do circuito universitário de alguns professores brasilianistas e seus alunos” (DUNN, 2007, p. 42) — e as questões políticas e culturais brasileiras específicas relacionadas a ela.

No artigo em que situa a repercussão da tropicália na Europa e Estados Unidos em meados dos anos 1990 “entre artistas ‘alternativos’, críticos de música e fãs mais antenados” (DUNN, 2007, p. 43), o historiador aponta certa falta de compreensão por parte de alguns artistas, críticos e público internacional do contexto em que o movimento nasceu, ao citar, por exemplo, Beck – um dos artistas contemporâneos que renderam homenagens recentes ao movimento. Em depoimento para a revista *The Wire*, o cantor afirma que pôde criar sua própria visão sobre a história da tropicália, já que nenhum crítico de rock a que teve acesso havia comentado sobre o movimento.

O comentário de Beck suplementa a observação de Hermano Vianna de que a Tropicália foi saudada no exterior como uma vanguarda do rock internacional sem se preocupar muito com o contexto nacional e histórico em que foi produzida. Essa leitura tem o mérito de “desprovincianizar” a cultura brasileira no contexto mundial, destacando sua relação com

fenômenos paralelos de outros lugares [...], mas é parcial porque oculta a maneira com que os tropicalistas abordaram com amor e irreverência a tradição da música popular brasileira e lidaram com questões políticas e culturais específicas do Brasil. É bom que “os gringos amantes do Brasil” (para usar a expressão de Vianna) entendam a Tropicália em relação à história internacional do rock, mas não devem ignorar sua relação com samba, bossa nova e baião, nem seu diálogo com artistas brasileiros de outros campos culturais como Hélio Oiticica, Zé Celso e Glauber Rocha. [...] Lembramos aqui um comentário de Caetano Veloso em 1968, que captou bem o imperativo de equilibrar uma visão cosmopolita com a experiência local: “Não posso negar o que já li, nem posso esquecer onde vivo”. (DUNN, 2007, p. 43)

3 JUSTIFICATIVA

O projeto foi desenvolvido com a intenção de sondar as “qualidades” e “valores” conferidos ao tropicalismo no Brasil e no exterior; mostrar a relevância do movimento — 43 anos depois de sua explosão — ainda nos dias de hoje, após sua redescoberta no exterior; sondar a relevância quantitativa e qualitativa dos estudos feitos por estrangeiros sobre o tema; resgatar historicamente o movimento a fim de difundi-lo; provocar os brasileiros quanto à valorização da arte brasileira no Brasil; reafirmar a produção cultural brasileira frente ao mundo, no que se refere a arte de vanguarda feita no Brasil; compartilhar minha história de amor pela música brasileira; e fazer com que o leitor, brasileiro ou estrangeiro, se sentisse contagiado por pelo menos uma fração desse sentimento e se encantasse com a originalidade estética, poética e musical da tropicália, em particular, como ficaram estrangeiros como Dunn quando a enxergaram pela primeira vez.

A princípio, o trabalho tomaria corpo como um artigo sobre a visão do historiador em particular, seu olhar acerca da repercussão da tropicália a nível internacional e as diferentes visões internas e externas lançadas ontem e hoje sobre o movimento. Por volta do quarto encontro com o orientador Lunde Braghini, um *insight* mudaria o caminho do projeto. Braghini sugeriu que eu transformasse o trabalho numa entrevista em profundidade com Christopher Dunn. A nova cara que o trabalho tomaria — e por meio da qual eu poderia continuar a explorar os mesmos temas — agradou-me bastante. Nada mais apropriado para alguém que adora ler e fazer entrevistas, também, pela curiosidade de ver o mesmo mundo segundo outros olhos. Além disso, a chance de poder explorar páginas de revista como suporte de publicação da entrevista era outro dos pontos altos do que começava a planejar. Sempre tive vontade de escrever para revistas. O formato sempre me despertou atenção, seja por seu tamanho, forma de manuseio, tipo de papel, utilização das cores, possibilidades de diagramação, seja pela forma e pelo ritmo com que se trata o conteúdo.



O caminho foi se iluminando à medida que os assuntos que seriam explorados em um improvável artigo poderiam ser abordados e desenvolvidos na entrevista.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A palavra entrevista — seja de emprego, “namoro”, ou quando nos imaginamos na televisão — tem lá o seu peso. Seja para o entrevistado ou para o entrevistador. Não chega a ter o peso da palavra “interrogatório”, mas envolve certa carga de tensão até mesmo para alguém atrás do microfone. Entre as alegrias e alegrias sentidas durante o percurso da entrevista — da resposta afirmativa de Dunn à confirmação do dia, local e horário —, estavam também as angústias, ansiedades e preocupações naturais do processo, entre elas um nervosismo relacionado a um ponto crucial: o momento da entrevista. Como me comportar? Deveria levar uma lista de perguntas ou deixar os assuntos fluírem? E se ele não fosse com minha cara e não respondesse nada? Haja calma para suportar tanta expectativa. O dilema psico-jornalístico chegou a render uma pequena crônica dos instantes que antecedem a conversa — aliás, essa palavra, assim como “bate-papo”, me aliviam mais.

Uma das obras que me foram apresentados durante as orientações e que me guiaram pelo sinuoso e imprevisível caminho da entrevista foi o livro “Sobre Entrevistas — Teoria, Prática e Experiências, da pesquisadora e jornalista Stela Guedes Caputo. Para Caputo, tentar cercar o conceito de “entrevista” é tarefa árdua, já que ele tenta escapar pelas brechas livres da palavra. Entre as definições de entrevista elaboradas por pesquisadores e jornalistas que Caputo reúne no livro, um dos conceitos que procurava pôr em prática na entrevista com Dunn era o de Cremilda Araújo Medina, segundo o qual a entrevista alcança a comunicação quando possibilita um “diálogo autêntico” entre as pessoas, que a partir daí, saem alteradas do encontro:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Entre todos estes ou outros usos, das ciências humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. (MEDINA, 2002, p.8, apud CAPUTO, 2006, p. 26)

Para a conversa com Dunn, me preparava com atenção especial a um dos sentidos: a audição. Queria realmente ouvir o que ele tinha a dizer, estar atento às reações que cada resposta provocava em mim e ir devolvendo perguntas e acrescentando outras questões ao longo da entrevista. Nesse sentido, Caputo me abriu os olhos e me fez perceber



que muitas vezes, até mesmo em conversas corriqueiras, achamos que estamos ouvindo o outro quando na realidade estamos distantes em espaço e tempo e nem um pouco envolvidos com o que ele tem a dizer. No segundo capítulo do livro, entre uma de suas “Notas gerais sobre entrevistas (ou 15 coisas que não podemos esquecer quando entrevistamos)”, a autora enfatiza esse sexto deslize que pode parecer bobo, mas que pode causar transtorno se esquecido:

Na verdade, o que precisa acontecer é uma autêntica conversa, um diálogo autêntico. Muitos jornalistas se prendem às perguntas que prepararam e não ouvem a resposta do entrevistado porque estão ansiosos por fazer outra pergunta (ou então estão pensando em outra coisa enquanto o entrevistado fala, no namorado(a), no jogo de futebol, no que farão mais tarde, na falta de dinheiro). Quando age assim, o jornalista aplica um questionário, mas entrevista não faz. (CAPUTO, 2006, p. 61)

Também não estava à procura de uma “fórmula” ou um manual de instruções sobre como agir na hora do *tête-à-tête* e no momento de escrevê-lo. Na leitura daquelas experiências, estava em busca de palavras que me acalmassem. Encontrei muitas delas, algumas já no capítulo de abertura “Antes das entrevistas”:

Para o bem ou para o mal, as fórmulas podem até ajudar, mas não resolvem. Sei apenas, e também digo [...] que muitas pessoas (jornalistas, pesquisadores e quem quer que resolva passar a vida escrevendo) o farão como quem quebra pedras, arrancando as palavras de sua existência e cimentando-as como tijolos em paredes. Escreverão muros e não textos. Escrevemos quando sentimos que passamos por uma experiência. (CAPUTO, 2006, p. 23)

5 DESCRIÇÃO DO PROCESSO

Havia preparado uma lista de perguntas mas não procurei me ater a elas. Queria que o papo fluísse simplesmente — apesar de certa preocupação com o tempo que ele dispunha. Alternando momentos de ação e reação, deixava que ele conduzisse a entrevista e tomava o leme quando percebia que podia conduzi-lo. Por volta de uma hora de entrevista, havia feito maior parte das perguntas sem que recorresse ao papel e, apesar de perceber que a conversa continuaria, tratei de finalizá-la quando percebi que havia material suficiente.

A ideia inicial era que continuássemos a conversa por e-mail, ao introduzirmos novos assuntos que complementassem a entrevista principal. Como o tempo de Dunn estava curto e a lista de perguntas era extensa, trocamos e-mails posteriores apenas para tirar algumas dúvidas quanto a detalhes não compreendidos por mim na entrevista presencial. Dias de decupagem depois, apresentava a conversa ao orientador e decidíamos que ela não



precisaria ser estendida por e-mails, já que havia conteúdo suficiente para sustentar uma matéria independente.

A entrevista final havia tomado corpo com a edição feita com a entrevista quase na íntegra e a preparação da abertura, do título e do subtítulo — inspirados, por exemplo, em textos maiores e mais livres de algumas aberturas de matérias da histórica revista *Realidade*, com textos iniciais que integravam título e subtítulo. Os hiperlinks, outra inspiração vinda de jornais e revistas mais recentes – como os textos pinçados a partir de palavras em matérias do jornal *Correio Braziliense* e de entrevistas com artistas da *Revista MTV* –, foram inseridos com a intenção de ilustrar o assunto juntamente com as imagens e guiar o leitor que não tivesse muita familiaridade com personagens e conceitos relacionados ao tema. Tudo pronto, diagramação concluída no limite do cronograma, chegava ao fim de um caminho não tão sinuoso quanto aparentava ser no início.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Memorial

- CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas — Teoria, prática e experiências**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 23-62
- DUNN, Christopher. Gringos amantes do Brasil. **Bravo!**, São Paulo: Abril, ago. 2007, n. 120, p. 42-43
- FAVARETTO, Celso Fernando. **Tropicália: Alegria, Alegria**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996, p. 31
- GAL Costa, do Tropicalismo aos Dias de Hoje. Direção de Carlos Ebert e Marcello Bartz. Fotografia de Carlos Ebert. Produção Trama Filmes e DirecTV, 2006. DVD gentilmente cedido pelos autores.
- VELOSO, Caetano. *Cinema Olympia*. São Paulo: Philips, 1969. LP *Gal Costa*, faixa 1

Produto

Hiperlinks:

- CALADO, Carlos. **Tropicália: a história de uma revolução**. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 132-134, 163-165, 225-264
- DUNN, Christopher. **Brutalidade jardim: a tropicália e o surgimento da contracultura brasileira**. São Paulo: Unesp, 2009, p. 18-19, 24, 103, 115-120, 168-169, 172-174, 224
- DUNN, Christopher. **Modernidade, alegoria e contracultura**. Disponível em: <http://tropicalia.uol.com.br/site/internas/visestr_1.php>. Acesso em: 10 jun. 2010.
- ENCICLOPÉDIA ABRIL. São Paulo: Abril, 1971, Volume 1, p. 180-181, 207-208.
- ENCICLOPÉDIA ABRIL. São Paulo: Abril, 1971, Volume 12, p. 4818-4819
- GIL, Gilberto. **Discurso do ministro Gilberto Gil na cerimônia de inauguração da 27ª Bienal de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2006/10/09/discurso-do-ministro-gilberto-gil-na-cerimonia-de-inauguracao-da-27%C2%AA-bienal-de-sao-paulo>>. Acesso em: 10 jun. 2010.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A colônia brasilianista: história oral de vida**

acadêmica. São Paulo: Nova Stella, 1990, p. 213-216, 445-452

NEVES, Arlette. **Tropicalismo: movimento, mito, escola ou cafajestada sob encomenda?**. Disponível em:

<http://tropicalia.uol.com.br/site/internas/report_tropicalismo.php>. Acesso em: 10 jun. 2010.

SANCHES, Pedro Alexandre. **Tropicalismo: decadência bonita do samba.** São Paulo: Boitempo, 2000, p. 46

Imagens:

AZUL, Priscila. Foto de Gilberto Gil. E “Gilberto Gil no exílio, 1971” (Acervo Pessoal). Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/gilberto_gil>. Acesso em: 10 jun. 2010.

VÁRIOS. Em: BASUALDO, Carlos (org.). **Tropicália: uma revolução na cultura brasileira [1967-1972]**. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 68-81

VÁRIOS: Em: CALADO, Carlos. **Tropicália: a história de uma revolução.** São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 20-221

GERCHMAN, Rubens (arte); PERROY, Oliver (foto). “Tropicália Ou Panis Et Circensis”, 1968. Disponível em: <<http://jeocaz.wordpress.com/2009/02/16/tropicalia-ou-panis-et-circensis-o-album-manifesto>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

IMAGINARY SOUNDS. Foto da abertura da matéria. Recorte da capa da coletânea “Brasil, Para Sempre!”. Disponível em:

<<http://imaginarysounds.blogspot.com/2010/06/imaginary-sounds-mix-18-brasil-para.html>>. Acesso em: 21 jun. 2010.

KLEEMANN, Fredi. 1967. Foto de “O Rei da Vela”. Disponível em:

<http://www.itaucultural.org.br/bcodeimagens/imagens_publico/007887001013.jpg>. Acesso em: 10 jun. 2010.

LA BARBERA, Gian Paolo. Capa (Gil) e Contracapa (Caetano). Recortes da arte “Tropicália is Dead”. Disponível em: <<http://elbarbera.wordpress.com/2009/08/04/1971-tropicalia-is-dead>>. Acesso em: 4 ago. 2009.

MASTERS OF CONTEMPORARY BRAZILIAN SONG: MMPB 1965-1985.

Reprodução. Disponível em: <<http://ecx.images-amazon.com/images/I/51PE1WTW52L.jpg>>. Acesso em 10 jun. 2010.

NELSON, Francisco. Foto de Gal Costa na grama. Disponível em:

<<http://galcostafatal.blogspot.com>>. Acesso em 10 jun. 2010.

Imagem de David Byrne. Recorte. Disponível em:

<<http://austinontwoweels.org/2009/09/18/david-byrne-cycling-round-table-coming-one-week-from-sunday>>. Acesso em 10 jun. 2010.

Imagens de Christopher Dunn: acervo pessoal.